

**OS ESQUEMAS INICIAIS DESADAPTATIVOS (EIDS) DE MULHERES
EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL E A TERAPIA DO
ESQUEMA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO: Uma revisão
sistemática da literatura**

Luiza Caroline Dias Cerqueira¹

Dionéia Luciane Mendes²

Resumo: A violência contra a mulher é um problema complexo de saúde pública por causar danos graves à saúde física e psicológica, principalmente quando perpetuada dentro da relação conjugal. Portanto o objetivo do estudo foi elucidar a efetividade da terapia do esquema (TE) como possibilidade de intervenção e tratamento de mulheres que sofrem ou sofreram algum tipo de violência pelo parceiro íntimo, a partir da compreensão dos seus Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e da dinâmica conjugal existente. Trata-se de uma revisão sistemática de literatura, em que a busca foi conduzida nas bases de dados SciELO, PePSIC-BVS, PubMed e Google Acadêmico e livros acerca do tema. Foram utilizados 9 artigos científicos como centrais ao estudo, publicados entre 2012 e 2021. Taxas mais elevadas dos EIDs são encontradas em mulheres que vivenciam relações amorosas abusivas, perpetuadas pela química esquemática e a TE tem se mostrado uma intervenção eficaz no tratamento dessas mulheres, através da combinação das suas técnicas cognitivas, experimentais, comportamentais e relacionais.

Palavras-chave: Violência conjugal. Violência contra a mulher. Relações Abusivas. Esquemas Iniciais Desadaptativos. Terapia do Esquema. Terapia cognitivo-comportamental. Efetividade.

Abstract

Violence against women is a complex public health problem and causes serious

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC);

² Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município de Osório. Docente do Curso de Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC).

damage to physical and psychological health, especially when perpetuated within the marital relationship. Therefore, the objective of this study was to elucidate the effectiveness of schema therapy (ST) as a possibility of intervention and treatment for women who suffer or have suffered intimate partner violence, from the understanding of their Initial Maladaptive Schemas (ISD) and the existing marital dynamics. This is a systematic literature review, with search conducted with the databases Google Academic, SciELO and PePSIC-BVS and books on the subject. Nine scientific articles were used as central to the study, published between 2012 and 2021. Higher rates of EIDs are found in women who experience abusive love relationships, perpetuated by schematic chemistry, and ET has been shown to be an effective intervention in the treatment of these women, through the combination of its cognitive, experiential, behavioral, and relational techniques

Keywords: Spousal violence. Violence against women. Abusive Relationships. Early Maladaptive Schemas. Schema Therapy. Cognitive behavioral therapy. Effectiveness.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é uma questão que tem expandido seu espaço de discussão na sociedade, é visto como um problema de saúde pública e de preocupação da psicologia devido aos seus altos índices de ocorrência, principalmente nas relações conjugais. Em todo o mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 30% das mulheres que estiveram em um relacionamento relatam terem sofrido alguma violência física e/ou sexual durante a vida e 38% dos feminicídios foram cometidos pelo parceiro íntimo (BRASIL, 2017). No Brasil, os números seguem uma crescente alarmante: em 2017 mais de 221 mil mulheres foram em busca de delegacias de polícia para registrar episódios de agressão resultantes da violência doméstica e no mesmo ano foi registrada a ocorrência de 13 assassinatos por dia, caracterizando o maior número registrado desde 2007 (CERQUEIRA et. al., 2019).

Relacionamentos permeados por violência podem causar às mulheres danos graves tanto de ordem física quanto psicológica, portanto o presente estudo se mostrou relevante para melhor compreender os fatores psicológicos presentes e a permanência das vítimas no ciclo da violência, visto que apesar do aumento dos estudos sobre o tema ainda persistem muitas dúvidas e urgência quanto à intervenção para modificação desse cenário.

Entendeu-se para esta pesquisa que a Terapia do Esquema (TE) de Jeffrey Young tem muito a contribuir através da sua teoria e prática, onde se buscou aprofundamento do conceito de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs), provenientes das experiências primárias na formação da personalidade e que possuem influência direta nas escolhas da vida adulta, incluindo as escolhas de parceiros e o modo de se relacionar (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O presente estudo teve como objetivo elucidar a efetividade da terapia do esquema como possibilidade de intervenção e tratamento de mulheres em situação de violência conjugal, assim como compreender quais são os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) predominantes em mulheres que se envolvem em relacionamentos permeados por violência e esclarecer a dinâmica dos relacionamentos disfuncionais caracterizados pela violência conjugal.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A violência contra a mulher

A violência contra as mulheres é considerada uma forma de violência de gênero, visto que ela se direciona ao gênero feminino como seu alvo em decorrência da desigualdade histórica e social entre mulheres e homens, possuindo como base a manutenção de papéis sociais impostos entre estes. A questão de gênero possui associação com a violência difundida no ambiente doméstico, posto que as normas sociais naturalizam os comportamentos violentos e machistas do homem e colocam o feminino como submisso (GUIMARÃES; PEDROZA, 2015). Assim, a violência doméstica integra uma construção histórica de poder do homem sobre a mulher que resulta enfaticamente nas mulheres como as principais vítimas de violência doméstica (BALDISSERA et. al., 2021).

As Nações Unidas definem a violência contra as mulheres como "qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em danos ou sofrimentos físicos, sexuais e/ou mentais para as mulheres, inclusive ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária de liberdade, seja em vida pública ou privada" (BRASIL, 2017)

Apesar da aparente urgência do fenômeno, foi apenas em 2002 que a violência contra a mulher passou a ser considerada pela Organização Mundial da Saúde como um grave problema de saúde pública e uma das formas de violação dos direitos humanos (CURIA et. al., 2020). No Brasil, foi promulgada em 2006 a Lei nº 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que tem o objetivo de coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, estabelecendo medidas de assistência e proteção à ela (BRASIL, 2006). Tal lei prevê as diferentes formas de violência em física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

A violência física designa-se como qualquer ato que fira a integridade física da vítima; a violência psicológica ocorre como qualquer conduta que resulte em dano emocional e baixa autoestima, que objetive degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões através de diferentes atitudes; a violência sexual se dá por quaisquer atos que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual indesejada, quando tem seus direitos sexuais e reprodutivos limitadas por algum meio ou que seja forçada a prostituição, gravidez ou matrimônio; a violência patrimonial é compreendida como qualquer ato que implique em reter ou destruir documentos pessoais, bens, instrumentos de trabalho e recursos econômicos da mulher; por fim, a violência moral é classificada como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

O mais comum é que os diferentes tipos de violência ocorram de forma simultânea, dificilmente se dão de forma isolada por àquele que as comete contra suas vítimas. As lesões geradas à mulher que sofre a violência são muitas, não constituindo apenas o corpo como resultado dessas agressões. Por exemplo, Frazão et. al. (2020) alertam para a provocação de danos emocionais, redução na produtividade, absenteísmo laboral, perda de emprego, isolamento social e até a morte. Frequentemente tais atos de violência são perpetuados pelos cônjuges, caracterizado pelo comportamento de um parceiro ou ex-parceiro que venha a causar danos físicos, sexuais ou psicológicos, incluindo agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamento de controle (BRASIL, 2017).

Quando provocada pelo parceiro e dentro da própria residência caracteriza-se como degradante, pois vem de uma pessoa com quem a vítima possui ou possuía uma relação de intimidade e afeto, além de ocorrer em ambientes que deveriam ser locais de conforto e acolhimento (FRAZÃO et. al., 2020), até que se tornam cenários de medo e insegurança. A mulher, quando vítima de violência doméstica, tem sua saúde prejudicada em diferentes âmbitos e intensidade.

Quando a saúde física é um dos alvos podem gerar consequências danosas, como: cardiopatias, acidentes vasculares, hipertensão arterial, dores crônicas, problemas intestinais e fibromialgia; quanto à saúde sexual e reprodutiva, é possível encontrar disfunção sexual, doença inflamatória pélvica, infecções sexualmente transmissíveis e infertilidade (LOURENÇO; COSTA, 2020). Os autores supracitados ainda destacam os prejuízos psicoemocionais: estresse, depressão, ansiedade e distúrbios de sono. Em consonância, segundo Diniz (2017), parte dessas mulheres são levadas a desenvolver Transtorno de Estresse

Pós-Traumático (TEPT), apresentando sintomas característicos como o medo e ansiedade generalizados, sentimentos de evitação e de constrição afetiva. Neste contexto da saúde mental, é comum ainda que apresentem dúvidas sobre a sua competência e eficácia pessoais, baixa autoestima e um sentimento de impotência (DINIZ, 2017).

Dos processos de adoecimento psíquico desencadeado pelo convívio em uma relação permeada por violência, como o já citado TEPT, o mais comum é a depressão, resultando em sintomas de tristeza profunda, angústia, desânimo, alteração comportamental e até tentativas de suicídio (FRAZÃO et. al., 2020).

A literatura tem exposto que a violência mais prevalente nas relações conjugais contra mulheres é a psicológica, sendo que frequentemente não é percebida como forma de agressão pelas vítimas, conseqüentemente muitas acabam a aceitando e convivendo (LOURENÇO; COSTA, 2020), mesmo que lhe cause grande sofrimento interno e que, na maioria das vezes, acaba levando a outras formas de violência, principalmente a física e sexual.

2.2 A dinâmica dos relacionamentos abusivos

A dinâmica dos relacionamentos abusivos pode ser altamente destrutivo a quem sofre, sendo caracterizada por um poder excessivo sobre o cônjuge, acompanhado da vontade de controlar e dominar este, cujo assume a função de satisfazer os desejos e vontades do outro (NASCIMENTO; SOUZA, 2018). A violência contra um parceiro íntimo pode ser praticada tanto pelo homem quanto pela mulher, porém a mulher é a principal vítima, visto que os números de casos são alarmantes.

A violência a que a mulher é submetida, independente do tipo, inicia-se sutilmente na maioria das vezes. Por exemplo, podem passar de comentários e brincadeiras a princípio inofensivas para demonstrações de ciúmes patológico, chantagens, espancamentos e até mesmo terminar em feminicídio (NASCIMENTO; SOUZA, 2018). No estudo realizado por Carneiro et. al. (2019) com 29 mulheres vítimas de violência conjugal foi revelado, pelos dados coletados, que o contexto da violência vivenciado por elas ocorre de forma cíclica e também progressiva. O início pode ocorrer com expressões veladas da violência, como o ciúmes, controle, humilhações e isolamento social da mulher, evoluindo para expressões mais explícitas, onde há uso da força física, até resultar em eventos mais graves, por exemplo enforcamentos e socos no corpo; logo após o agressor costuma se mostrar arrependido e faz

promessas de mudança do comportamento, porém esse ciclo costuma se repetir em intervalos mais curtos e com eventos mais graves (CARNEIRO et. al., 2019).

O ciclo da violência é um dos fatores que contribuem para a permanência da mulher nos relacionamentos abusivos, pois costumam acreditar em uma mudança real do companheiro, muitas vezes sequer percebem a dinâmica abusiva do relacionamento e o ciclo de funcionamento no qual estão envolvidas. O autor Hirigoyen (2006) retrata que a violência conjugal costuma operar através do chamado ciclo da violência, o qual perpassa por quatro fases que tendem a aumentar o risco para a vítima a cada vez que se repete.

A primeira fase é o aumento da tensão, onde a agressão normalmente se dá de forma mais implícita, por exemplo por agressões verbais, manipulações sutis e uso do tom de voz visando que a mulher sintase culpada por estar aborrecendo seu cônjuge, o que faz com que ela busque formas de o tranquilizar e o agradar (HIRIGOYEN, 2006).

Na segunda fase se qualifica pela ocorrência ou explosão da agressão, momento em que o parceiro perde o controle, podendo gritar, ofender, intimidar ou quebrar coisas até chegar na violência física, por exemplo, com tapas e empurrões, inclusive pode fazer uso da violência sexual ao forçar relações íntimas como uma forma de dominação (HIRIGOYEN, 2006). Nesta fase dificilmente a mulher reage, por medo de piorar as atitudes que já vinha tentando acalmar desde a fase anterior, temendo pela própria vida.

Após, têm-se as fases em que os ânimos se acalmam, porém com o intuito de controle e manipulação da mulher por parte do parceiro íntimo. A terceira fase é caracterizada pelas desculpas, onde o autor da violência busca se isentar da culpa, esquivando-se das responsabilidades de suas atitudes e as justificando como sendo de responsabilidade da vítima ou por fatores externos, como a bebida, estresse laboral e raiva, assim solicita o perdão e faz promessas sobre o fim de suas atitudes violentas. (HIRIGOYEN, 2006; NASCIMENTO; SOUZA, 2018).

Por fim, a quarta fase: a lua de mel. Momento em que o autor da violência aparenta ter mudado seu comportamento, assumindo uma postura contrária das fases iniciais com o objetivo de acalmar a companheira, gerando esperanças nela sobre uma real mudança e que as violências não mais se repetirão (HIRIGOYEN, 2006; NASCIMENTO; SOUZA, 2018). Outros autores citam apenas três fases do ciclo da violência, em que as desculpas estariam englobadas pela fase da lua de mel, mas independente disso, é importante compreender que cada vez mais o funcionamento violento das relações aumentam em intensidade e frequência,

resultando em uma espiral de violência que se afunila, onde os período da lua de mel diminuem e os de tensão aumentam.

2.3 A Terapia do Esquema

A terapia do esquema (TE) foi desenvolvida por Jeffrey Young com o intuito de esta ser, segundo o próprio autor e colegas (2008), uma abordagem sistemática para ampliar a terapia cognitivo-comportamental. É considerada uma proposta inovadora e integradora, pois ela junta elementos, além da cognitivo-comportamental, de outras escolas: do apego, da gestalt, de relações objetais, construtivista e psicanalítica, integrando-os em um modelo próprio de conceitos e de tratamento rico e unificador (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Inicialmente a referida abordagem surgiu como um meio de tratar os casos mais refratários que a terapia cognitivo-comportamental não vinha possuindo aporte teórico-técnico suficientes, principalmente aos Transtornos de Personalidade. As teorizações de Jeffrey Young sobre os transtornos de personalidade contribuem para um maior entendimento dos aspectos da personalidade normal e/ou patológica, por exemplo “a relação entre aprendizagem e genética, os aspectos cronológicos relativos à evolução da identidade pessoal, bem como o efeito das experiências continuadas com cuidadores e figuras de afeto na infância” (WAINER, 2016).

Para além dos casos mais graves, a TE tem se mostrado eficaz como estratégia interventiva para diversos outros, expandindo-se também para outras modalidades de psicoterapia, como as grupais e de casais. Ela representa um avanço no entendimento do desenvolvimento humano a partir de sua base explicativa das necessidades psíquicas básicas que, em teoria, devem ser sanadas desde a primeira infância até a adolescência, onde são os pais e/ou cuidadores os responsáveis por atendê-las, permitindo um desenvolvimento psíquico saudável ao indivíduo (WAINER; RIJO, 2016; OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018), caso o inverso ocorra e essas necessidades básicas não sejam atendidas podem desencadear um desenvolvimento psíquico prejudicial e desadaptativo ao sujeito.

O grau de gratificação das necessidades emocionais básicas somada aos fatores de temperamento emocional (herdado pela genética familiar) e às experiências sistemáticas nos relacionamentos afetivos infantis poderão desenvolver os Esquemas Iniciais Desadaptativos

(EIDs). Os EIDs são definidos como padrões emocionais e cognitivos auto derrotistas que iniciam cedo no desenvolvimento humano e são repetidos ao longo da vida, formando um conjunto de crenças nucleares que estabelecem padrões comportamentais, cognitivos e emocionais a fim de lidar com essas crenças causadoras de sofrimento emocional (WAINER; RIJO, 2016; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

As necessidades básicas a serem satisfeitas na infância e adolescência se dividem em cinco: 1) Vínculo seguro; 2) Autonomia; 3) Limites realistas; 4) Liberdade de expressão e aprovação por parte do outro; e 5) Espontaneidade e lazer. Os 19 EIDs encontrados pela TE estão agrupados em cinco categorias chamadas de Domínios Esquemáticos (DE), estes correspondem a cada uma das cinco necessidades quando não satisfeitas (BARBOSA et. al., 2019; WAINER; RIJO, 2016; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Respectivamente às necessidades básicas e junto aos seus EIDs associados, os domínios esquemáticos desadaptativos são:

1º domínio: Desconexão e rejeição (EIDs de abandono, privação emocional, defeito/vergonha, abuso/desconfiança, isolamento social/alienação e indesejabilidade social);

2º domínio: Senso de autonomia e competência prejudicados (EIDs de fracasso, vulnerabilidade, dependência/incompetência e emaranhamento);

3º domínio: Limites prejudicados (EIDs de autocontrole e autodisciplina insuficientes e grandiosidade/merecimento);

4º domínio: Orientação para o outro (EIDs de subjugação, auto sacrifício e busca de aprovação/reconhecimento);

5º domínio: Supervigilância e inibição (EIDs de inibição emocional, padrões inflexíveis/hiper criticidade, negativismo/pessimismo e caráter punitivo). Logo, compreende-se que as diferentes experiências na infância possuem papel central na formação da personalidade normal ou patológica. Desta forma, se as necessidades básicas não forem minimamente supridas poderá ocorrer a formação dos EIDs e o desenvolvimento de crenças disfuncionais, geradas como forma de justificar a hostilidade ou carência do meio em que viveu a criança ou o adolescente (WAINER, 2016). Os esquemas desenvolvidos são responsáveis por distinguir e condensar as informações, e estimulando o modo de responder às situações que surgem, o que envolve os sentimentos e pensamentos conforme a significação pessoal (OLIVEIRA; BERGAMINI, 2018).

3 MÉTODO

O presente estudo foi de caráter qualitativo e o método utilizado foi a revisão sistemática da literatura acerca dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) das mulheres em situação de violência conjugal e da Terapia do Esquema como uma estratégia de intervenção. Foi seguido basicamente os 7 passos a seguir: 1) formulação da pergunta; 2) localização e seleção dos estudos relevantes; 3) avaliação crítica dos estudos; 4) coleta de dados; 5) análise e apresentação dos dados encontrados; 6) interpretação dos dados e 7) aprimoramento e seguimento da revisão.

3.1 Estratégia de Busca

A busca bibliográfica foi realizada nas seguintes bases eletrônicas: Biblioteca virtual de Saúde (BVS), Scielo, PubMed e google acadêmico. Artigos relevantes também foram buscados nas referências dos estudos usados para o embasamento crítico dessa proposta de revisão. Os “termos chave” utilizados na busca foram os seguintes: (1) terapia cognitivo-comportamental; (2) terapia individual; (3) violência contra a mulher. Criou-se uma lista de descritores para cada termo (ver tabela 1) e a busca final foi feita com uma intersecção entre as três listas. Além disso, utilizou-se de livros relevantes ao tema.

Tabela 1. Lista de descritores.

1) terapia cognitivo-comportamental	2) terapia individual	3) violência contra a mulher
terapia do esquema	terapia individual	violência contra a mulher
terapia cognitivo-comportamental	terapia do esquema individual	violência conjugal
terapia cognitiva	psicoterapia individual	violência por parceiro íntimo
psicoterapia cognitiva	intervenção individual	violência doméstica
modificação comportamental	terapia cognitivo-comportamental individual	violência de gênero
terapia de condicionamento	terapia cognitiva individual	relações abusivas
terapia comportamental	modificação comportamental individual	
tcc	individual	
te	individual	
esquemas iniciais desadaptativos	terapia de condicionamento individual	
eids	individual	
	terapia comportamental individual	

3.2 Seleção dos estudos

A seleção dos artigos ocorreu em duas etapas. Na 1ª etapa, o resumo de cada artigo encontrado na busca inicial às bases de dados foi lido e um parecer sobre a inclusão ou não do artigo na revisão foi emitido, em casos que o resumo não tornou possível a emissão de parecer, a decisão por incluir ou não tal artigo foi através da leitura do texto na íntegra. Também foram selecionados livros relevantes ao tema.

3.2.1 Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão foram os seguintes: (1) o artigo ter sido publicado em periódico científico; (2) os sujeitos serem mulheres que se encontram ou estiveram em situação de violência conjugal; (3) pelo menos um dos protocolos de tratamento dos estudos ser de modalidade individual; (4) o próprio artigo classificar as intervenções de algum de seus protocolos como comportamentais, cognitivos comportamentais e de esquema; (5) o foco do tratamento ser as mulheres vítimas de relacionamentos abusivos e (6) estar publicado na língua portuguesa, inglesa ou espanhola.

3.3 Coleta e Análise dos dados

Após a definição dos estudos a serem utilizados na revisão, foi realizada a leitura na íntegra, avaliação da qualidade metodológica e a coleta dos dados relevantes dos artigos selecionados. Após, os achados de cada artigo foram cotejados em tabela única onde informações como, autor/ano/país, objetivos do estudo, método e principais resultados serão apresentados (ver Tabela 2).

4 RESULTADOS

Tabela 2. Características básicas dos estudos.

Título	Autor/ Ano	Amostra	Objetivo do estudo	Método	Principais resultados do estudo
Contribuições da Terapia do Esquema em Relacionamentos Conjugais Abusivos: Uma Revisão Narrativa	BALDISSERA, Daniela; PAIM, Kelly; PREDEBON, Betina Número ; FEIX, Leandro da Fonte. 2021.		Revisar as contribuições da Terapia do Esquema (TE) nos relacionamentos amorosos que apresentam violência contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo.	Revisão narrativa da literatura.	A TE oferece sustentação teórica para analisar a influência de padrões esquemáticos nos relacionamentos abusivos. A permanência em um relacionamento conjugal abusivo e a escolha do parceiro íntimo podem estar associados à manutenção de um esquema. Faz-se necessário intervenção psicológica direcionada à modificação dos EIDs em associação ao estabelecimento de medidas legais de proteção.

Estilos de enfrentamento, Esquemas	MOMENE, Janire et. al. 2021.	657 mulheres de população	Delimitar os fatores de risco: estilos de	Estudo quantitativo	Os estilos de enfrentamento com maior prevalência foram pensamento “desiderativo”, isolamento social e autocrítica. Nos sintomas psicopatológicos surgiram a depressão, ansiedade, sensibilidade interpessoal, obsessão-compulsão e ideação paranóide, assim como esquemas de abandono e subjugação. A partir desses fatores foi possível explicar parte da relação entre dependência emocional e permanência em relacionamentos violentos.
A Violência Doméstica Contra Mulheres: Contribuição da Terapia Cognitivo Comportamental na Intervenção	MARTINS, Grasiela B.; NOBRE, Natalia K. S.; MARTINS, Marias das Graças T. 2021.		Analisar a violência doméstica, o sofrimento psíquico em mulheres vítimas e as contribuições da terapia cognitivo-comportamental na intervenção psicoterapêutica.	Pesquisa bibliográfica e exploratória	A violência causa transtornos psicopatológicos às vítimas, comprometendo sua autoestima e apresentando sintomas de depressão, pensamentos, tentativas de suicídio e estresse pós-traumático. A terapia cognitivo-comportamental apresenta métodos e técnicas para auxiliar essas mulheres, contribuindo para seu empoderamento e redução dos sintomas.
Comparison of the Effectiveness of the	FARSHIDMANESH,	36 mulheres selecionadas entre	Comparar a eficácia da educação da terapia	Estudo quase experimental	Não houve diferença significativa entre a terapia do esquema e de atenção plena sobre a

<p>Schema Therapy Training and Mindfulness on Intimacy, Commitment, and Happiness of Women with Couple Burnout/ Comparação da eficácia do treinamento da terapia do esquema e da atenção plena na intimidade, comprometimento e felicidade de mulheres com esgotamento conjugal.</p>	<p>Forough et. al. 2019.</p>	<p>as que foram encaminhadas para a associação de caridade Baghi Yato Allah Al-Azim de Khomeini Shahr em 2018, com esgotamento de casal.</p>	<p>do esquema e a atenção plena na intimidade do casal, compromisso e felicidade das mulheres com esgotamento de casal.</p>	<p>pré-teste-pós-teste. Amostra aleatoriamente distribuída em 3 grupos: terapia de esquema (12 indivíduos), mindfulness (12) e grupo-contrôle (12).</p>	<p>intimidade, mas houve quanto ao comprometimento e a felicidade do casal. Foi possível concluir que as terapias utilizadas no estudo podem aumentar o nível de intimidade, comprometimento e felicidade do casal.</p>
<p>Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal.</p>	<p>BARBOSA, Thamires Pereira et al. 2019.</p>	<p>Participaram do estudo 16 mulheres, maiores de 18 anos, em situação de violência conjugal e atendidas no Plantão Psicológico de uma Delegacia</p>	<p>Identificar domínios esquemáticos e tipos de violência sofrida em um grupo de mulheres</p>	<p>Estudo quantitativo e qualitativo de delineamento transversal.</p>	<p>Os tipos de violência mais sofridos foram a psicológica e física. O domínio Desconexão/rejeição foi o mais pontuado na amostra, seguido dos domínios Supervigilância/inibição; Autonomia e desempenho prejudicados; Direcionamento para o outro; e por fim o domínio de limites prejudicados. Os autores destacam que os resultados estão limitados ao tamanho</p>

		Especializada de Atendimento à Mulher, localizada no Rio Grande do Sul.			pequeno da amostra, mas que sugerem haver EID's comuns entre essas mulheres.
Terapia Cognitivo-Comportamental para mulheres que sofreram violência por seus parceiros íntimos: Estudos de casos múltiplos.	HABIANING, Luisa F.; PETERSEN, Mariana G. F.; MACIEL, Luiza Z. 2019.	4 mulheres com histórico de violência conjugal, com sintomas de depressão, ansiedade, estresse e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).	Descrever o processo é o resultado de um protocolo de intervenção cognitivo-comportamental para mulheres que sofreram violência por parte do parceiro íntimo, por meio de estudos de caso.	Estudos de casos descritivos de intervenção terapêutica.	As técnicas utilizadas foram adequadas para reduzir os sintomas, apresentando evidências iniciais de efetividade de um protocolo de TCC para o tratamento de mulheres em situação de violência doméstica.
Esquemas Desadaptativos De Mulheres Em Relacionamentos Abusivos: Uma Discussão Teórica	OLIVEIRA, Aline Martins de; BERGAMINI, Gésica Borges. 2018.		Elucidar as influências das relações primárias sobre os esquemas desadaptativos das vítimas de relacionamentos abusivos.	Revisão de literatura a partir de vinte materiais bibliográficos para sua produção.	As relações primárias fragilizadas sugestionam as relações secundárias e os respectivos comportamentos desadaptativos das vítimas de relacionamentos abusivos como alguns comportamentos pelas mesmas apresentadas na manutenção da relação abusiva.

Relações Abusivas: Um olhar cognitivo-comportamental.	NASCIMENTO, Elaide dos Santos; SOUZA, Kellen Verena de. 2018.		Analisar quais os fatores (esquemas) que levam a mulher a permanecer na relação abusiva.	Revisão da literatura. Estudo qualitativo.	Verificou-se que sair de uma dinâmica relacional permeada por violência é um desafio e vai muito além de uma mera escolha que a mulher precisa fazer, envolvendo recursos intrínsecos presentes em cada uma.
Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal.	PAIM, Kelly; MADALENA, Marcela; FALCKE, Denise. 2012.	163 sujeitos de ambos os sexos, casados ou com união estável.	Investigar a correlação entre a violência conjugal e os Esquemas Iniciais Desadaptativos, assim como a correlação entre os esquemas e as habilidades de negociação.	Delineamento correlacional (dados analisados através de análise de correlação de Pearson).	Verificou-se uma relação positiva e significativa ($p < 0,05$) entre violência conjugal e os esquemas de desconfiança/ abuso, isolamento social/alienação, defectividade/vergonha, dependência/incompetência, emaranhamento, auto-sacrifício, padrões inflexíveis, grandiosidade/arrogância, autocontrole/ autodisciplina insuficientes e postura punitiva.

A tabela 2 apresenta os artigos científicos que foram selecionados como os mais significativos de acordo com a temática e que estão divididos nas seguintes categorias: título, autor/ano de publicação, amostra, objetivo do estudo, método e principais resultados e conclusões do estudo. Buscou-se manter como artigos principais aqueles publicados a partir do ano de 2018, mantendo-se apenas um do ano de 2012 por ter sido considerado uma publicação de suma importância ao presente estudo e que traria maior riqueza à discussão dos dados encontrados.

No estudo realizado por Baldissera et. al. (2021) o objetivo foi constatar o que a Terapia de Esquemas (TE) tem de inovador para contribuir no entendimento da manutenção de esquemas em relacionamento íntimos permeado por violência contra a mulher, assim como

averiguar as possíveis intervenções clínicas baseadas em tal abordagem. A dinâmica conjugal pode ser compreendida através da química esquemática (PAIM, 2019), onde os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) influenciam a forma de se relacionar com o outro: a ativação dos EIDs interfere nas escolhas amorosas e na permanência em relacionamentos abusivos, colaborando na manutenção dos EIDs. A TE tem recursos para compreender essa dinâmica nas relações interpessoais, sendo um dos seus objetivos a mudança da cognição e comportamentos que influenciam na qualidade dos relacionamentos, também auxilia que o indivíduo passe a ter consciência dos seus EIDs e processos esquemáticos, o que corrobora para melhores escolhas pessoais e de relacionamentos amorosos.

A pesquisa de Farshid Mahesh et. al. (2021) teve o propósito de determinar se há alguma diferença entre a eficácia da terapia do esquema e da atenção plena na intimidade, compromisso e felicidade do casal em mulheres que estejam passando por *couple burnout* (esgotamento conjugal). O *couple burnout* nesse estudo é compreendido como uma perda gradual do apego emocional que envolve a redução da atenção ao cônjuge, alienação emocional, um maior sentimento de desapontamento e desinteresse. Os aspectos mencionados de intimidade, compromisso e felicidade são considerados fatores essenciais para a manutenção de uma relação satisfatória do casal. A terapia do esquema se mostra eficaz na redução do *couple burnout*, pois trabalha com os EIDs provenientes das relações íntimas primárias que foram insuficientes, com as memórias infanto-juvenis que levam a percepções distorcidas e com o pensamento irracional dos casais, estando relacionados diretamente com a satisfação e redução de conflitos.

O objetivo dos autores espanhóis, Momeñe et. al. (2021), foi analisar a relação entre os fatores de estilo de enfrentamento, esquemas desadaptativos e sintomatologia psicopatológica como preditores a vulnerabilidade das mulheres de desenvolverem dependência emocional quanto a um parceiro abusivo. Ao verificar tais relações foi avaliado se esses fatores atuam como mediadores na relação entre dependência emocional e violência. Taxas mais elevadas dos EIDs têm sido relatadas em mulheres vítimas de violência conjugal ao comparar com aquelas que não o são, o mesmo se aplica às que apresentam dependência emocional; também nota-se associação à sintomatologia patológica de baixa auto-estima, depressão, ideação suicida e ansiedade na permanência em relacionamentos abusivos e os sintomas de obsessão-compulsão, depressão, ansiedade, hostilidade, ideação paranóide, baixa auto-estima e oscilações emocionais na dependência emocional.

Martins, Nobre e Martins (2020) tiveram como objetivo apresentar uma análise sobre os tipos de violência contra as mulheres, o sofrimento ocasionado a elas e a contribuição da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) na intervenção terapêutica. Foi constatado que a violência doméstica às mulheres pode provocar sofrimento psicológico e se agravar até uma psicopatologia, as mais encontradas são: ideação suicida, depressão, ansiedade e estresse pós-traumático (TEPT). A TCC tem como intuito propiciar estratégias e técnicas focadas na resignação de eventos traumáticos, assim como reduzir sintomas de depressão, ansiedade e TEPT, o que se dá através da sua capacidade de correção dos pensamentos e crenças disfuncionais, resultando na melhora emocional e comportamental da vítima.

Na pesquisa de Barbosa et. al. (2019) os autores tiveram o propósito de identificar os domínios esquemáticos e os tipos de violência sofrida pelas mulheres em situação de violência conjugal que buscaram atendimento em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM) do interior do Rio Grande do Sul. Os pesquisadores destacam a carência de estudos que buscam compreender o papel das crenças disfuncionais que a mulher possui sobre o agressor e sobre si mesma, o que pode levar à naturalização do ciclo de violência. Essas crenças possuem relação com os EIDs e podem ser consideradas obstáculos para que a mulher consiga romper com o agressor, de forma que o acesso aos Domínios Esquemáticos mais ativos auxilia na compreensão do ciclo da violência e a dificuldade de romper com a relação.

O objetivo do estudo feito por Habigzang, Petersen e Maciel (2019) possuiu como objetivo descrever o processo e o resultado de um protocolo de intervenção cognitivo-comportamental para mulheres em situação de violência através de quatro estudos de caso. Avaliou-se o impacto da intervenção realizada ao comparar níveis de ansiedade, depressão e estresse antes e depois do processo terapêutico, concluindo que os objetivos foram atingidos com a aplicação do protocolo de TCC, gerando nessas mulheres um entendimento maior sobre o comportamento dos cônjuges e a reestruturação das crenças relacionadas às situações vividas nesses relacionamentos disfuncionais.

Através da pesquisa de Oliveira e Bergamini (2018) foi elucidado as influências das relações primárias sobre os EIDs das vítimas de relacionamentos abusivos. Uma das premissas da TE é que as experiências primárias traumáticas constituem crenças disfuncionais, o que irá influenciar nas futuras relações interpessoais do indivíduo, principalmente de caráter íntimo, ou seja, os EIDs exercem influência na escolha do parceiro e no modo de se relacionar. Os EIDs das mulheres que estão ou estiveram em um relacionamento abusivo se relacionam com

relações primárias frágeis, deixando-as suscetíveis a opressão e consequências da violência sofrida, o que favorece dois pontos: a permanência nesse tipo de relacionamento e a repetição do mesmo padrão em outras relações.

Nascimento e Souza (2018) colocaram como propósito do estudo analisar quais fatores (esquemas) que influenciam na permanência da mulher em um relacionamento abusivo, tal compreensão oportuniza uma redução de estigmas presentes na sociedade, visando um olhar mais compreensivo e menos discriminatório quanto à dificuldade de romper com o parceiro abusador. Fatores sociais (condição de mulher) e/ou psicológicos (personalidade ou histórico pessoal) podem estar presentes nesse fenômeno que afeta as defesas da mulher ou mesmo sua percepção de que está em uma relação violenta.

As pesquisadoras Paim, Madalena e Falcke (2012) colocam em evidência a relação entre os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) e a violência conjugal à partir de uma pesquisa empregada com 163 adultos de ambos os sexos e que estivessem casados ou em união estável. Associando a perpetração da violência e os EIDs se observou uma relação significativa entre os esquemas de isolamento social, defectividade/vergonha e dependência/incompetência; enquanto a vitimização (violência sofrida) foi associada aos esquemas de postura punitiva e padrões inflexíveis. Em ambas as situações (perpetração e vitimização) se identificou esquemas de desconfiança/abuso, emaranhamento, auto sacrifício, grandiosidade/arrogância e autocontrole/autodisciplina insuficientes. Sobre as habilidade de negociação dentro da relação se correlacionou negativamente aos esquemas de privação emocional, defectividade/vergonha, de fracasso e emaranhamento, subjugação, autocontrole/autodisciplina insuficientes e auto sacrifício.

5 DISCUSSÃO

A violência contra a mulher é extremamente prejudicial a sua saúde física e emocional, um agravante deste fenômeno é quando praticada dentro da relação conjugal, pois a mulher costuma depositar sua confiança e afeto no outro, envolvendo-se em uma dinâmica relacional que se mostra abusiva e da qual ela não possui mais controle e/ou percepção do quanto está lhe causando sofrimento. Em vista disso, o presente estudo objetivou identificar quais são os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) predominantes em mulheres que se envolvem em relacionamentos permeados por violência, esclarecer a dinâmica desses relacionamentos

disfuncionais e elucidar a efetividade da terapia do esquema como possibilidade de intervenção e tratamento das mulheres.

Momeñe et. al. (2021) relatam que taxas mais elevadas dos EIDs são encontradas nas mulheres que estão em relacionamentos amorosos violentos em comparação com as que não estão. É interessante compreender quais são os EIDs predominantes em mulheres que se envolvem em relacionamentos permeados por violência, pois os EIDs se relacionam com as crenças sobre si mesmas e sobre o agressor, possuindo influência na naturalização do ciclo da violência e em sua permanência nessas relações.

No estudo de Barbosa et. al. (2019) sobre os domínios esquemáticos das mulheres em situação de violência conjugal, o que mais pontuou na amostra foi o do primeiro domínio Desconexão/rejeição, onde os EIDs mais prevalentes foram, em ordem decrescente: abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, isolamento social/alienação e defectividade/vergonha. O estudo de Khosravi, Attari e Rezaei (2011), realizado no Irã para compreender quais os EIDs presentes nas mulheres em relacionamentos violentos, encontrou como mais comuns os de privação emocional, desconfiança/abuso e defectividade/vergonha, todos igualmente pertencentes ao primeiro domínio. A pesquisa de Paim et. al. (2012), feita com 163 sujeitos em Porto Alegre, relaciona os esquemas de desconfiança/abuso, auto sacrifício, emaranhamento e padrões inflexíveis à vitimização da violência nas relações afetivas.

O esquema de desconfiança/abuso foi comum nas pesquisas de Barbosa et. al. (2019), Khosravi, Attari e Rezaei (2011) e de Paim et. al. (2012), o qual caracteriza-se pela sensação de que sempre será enganada, traída e/ou machucada pelo outro. As mulheres em situação de violência podem se sentir coagidas a se manter no ciclo violento, por acreditar que serão abusadas, humilhadas e manipuladas por quaisquer pessoas (BARBOSA et. al., 2019). Indivíduos com esse esquema tendem a manter relacionamentos com companheiros que continuamente abusam delas, confirmando repetidamente o seu esquema desadaptativo (NASCIMENTO; SOUZA, 2018).

Assim como Barbosa et. al. (2019) encontraram o esquema de Abandono/instabilidade como um dos mais prevalentes, Momeñe et. al. (2021) destacam a predominância do mesmo esquema, o qual é caracterizado por enxergar as relações como instáveis e indignas de confiança e pela sensação de que pessoas importantes a abandonarão. É provável que mulheres com o mencionado esquema desadaptativo apresentem uma falsa crença de que jamais irão se

relacionar de forma sincera e segura com outras pessoas, pois acreditam que suas relações serão instáveis e/ou que serão abandonadas a qualquer momento (BARBOSA et. al., 2019).

É observado por Barbosa et. al. (2019) que muitas mulheres se sentem responsáveis pela violência recebida do parceiro, sentindo-se até mesmo culpadas e merecedoras de tamanho sofrimento. Tais características remetem ao esquema de Defectividade/vergonha, marcado pela visão de si mesmo como defeituoso, indesejado e inferior, portanto não se sente merecedor do amor e da valorização dos outros; também são características de pessoas com esse esquema a hipersensibilidade à crítica, insegurança, vergonha e postura auto acusatória (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). A mulher com o esquema de defectividade/vergonha ativado costuma possuir uma visão muito negativa de si mesma.

É através das estratégias de enfrentamento que os indivíduos desenvolvem maneiras de lidar com os seus esquemas, de forma a não precisarem vivenciar as emoções intensas despertadas a cada vez que os esquemas são ativados, essas estratégias nem sempre são saudáveis e funcionais (WAINER; RIJO, 2016). Os estilos de enfrentamento do sujeito (ou coping styles) são integrados pelo que se denomina de Processos Esquemáticos (PEs).

Os PEs são mecanismos típicos utilizados pelo organismo a fim de perpetuar os EIDs, os quais vão sendo desenvolvidos ao longo da infância com o objetivo de adaptar o sujeito ao seu ambiente, porém acabam se tornando desadaptativos na vida adulta ao consolidá-los e desconsiderar as mudanças do novo contexto que a adultez proporciona (WAINER; RIJO, 2016). São identificados três: manutenção, evitação e hiper-compensação.

A manutenção esquemática (resignação) faz alusão à comportamentos e cognições disfuncionais que acabam por reforçar diretamente um esquema, por exemplo, pode ocorrer a manutenção por seleção disfuncional de parceiros, onde alguém com um EID de desconfiança/abuso tende a se envolver em relacionamentos amorosos com parceiros abusivos e que maltratem; na evitação esquemática o objetivo é evitar sentir emoções para bloquear pensamentos e imagens que se ativam com o esquema; e, por fim, a hiper-compensação, onde há comportamentos exagerados para agir de forma oposta às suas necessidades e negar a existência do esquema (WAINER; RIJO, 2016; BALDISSERA et. al., 2021).

Outra estratégia de resignação, mas do esquema de defectividade/vergonha, é escolher parceiros críticos, rejeitados e que façam se sentir diminuídos (YOUNG, 2003). A visão de si como indignos de amor e valorização pode ocasionar a postura passiva diante o abuso físico, assim como o medo intenso de se sentir rejeitado e criticado pode dificultar o rompimento do

ciclo da violência (PAIM, FALCKE, 2014). Os PEs de evitação e hiper-compensação aparecem mais relacionados ao perpetrador da violência do que à vítima.

As mulheres podem fazer uso dos PEs como método de adaptação e sobrevivência frente a violência sofrida nos relacionamentos abusivos em que se envolve, em busca de minimizar ou eliminar as ameaças a sua segurança física e seu bem estar emocional (NASCIMENTO; SOUZA, 2018). Estudos preliminares já demonstraram que sofrer violência de pessoas representativas na infância prejudicaria o desenvolvimento de relações mais saudáveis na vida adulta, aumentando o risco de escolher parceiros violentos e permanecer nessas relações (Herrenkohl & Jung, 2016; Herrero, Torres & Rodríguez, 2018). As escolhas amorosas e a permanência em relacionamentos prejudiciais costuma se basear na sensação que é experienciada pela ativação de um ou mais esquemas iniciais desadaptativos (EIDs), configurando a química do esquema, a qual é ativada por um ou mais esquemas nucleares de cada um envolvido na relação amorosa (PAIM, 2019; YOUNG, 2003). Dentro desta dinâmica, os casais tendem a escolher um ao outro baseados em seus esquemas, através dos quais revivem emoções familiares ou evocam situações angustiantes (PAIM, 2019). A autora em questão cita como exemplo as seguintes vivências que mantêm EIDs: indisponibilidade do parceiro desejado, relações que reproduzem sensações de rejeição, abuso, insegurança no vínculo, vivências emaranhadas com dependência emocional e funcional.

Ao depender de qual EID está mais ativado no indivíduo ele pode se sentir merecedor do sofrimento que um relacionamento abusivo lhe causa ou até mesmo acreditar que o parceiro é passível de punição, no caso do perpetrador da violência (CARDOSO; BERTHO; PAIM, 2019). Assim, os EIDs estão estritamente relacionados ao envolvimento em situações conflituosas nas relações conjugais, devendo ser considerados para compreender melhor o ciclo de violência presente nesses casais e a sua dinâmica de funcionamento (PAIM; MADALENA; FALCKE, 2012).

As abordagens cognitivo-comportamentais têm se destacado para diferentes objetivos de tratamento e intervenção psicológica, seja pelo seu caráter efetivo seja pela questão econômica (COSTA et. al., 2017), dentre elas, a Terapia do Esquema mostra-se favorável em casos de violência conjugal, tanto no trabalho com casais quanto individuais. A TE permite uma intervenção direta nos Processos Esquemáticos, visando o rompimento da perpetuação dos esquemas iniciais desadaptativos, os quais corroboram para a manutenção da violência entre casais e para escolhas de relações abusivas (BALDISSERA et. al., 2021).

Na intervenção individual com a mulher que sofreu ou sofre algum tipo de violência pelo parceiro íntimo, o terapeuta na TE irá identificar alguns pontos específicos, por exemplo: as práticas culturais das quais faz/fez parte; quais EIDs estão ativados; quais os estilos de enfrentamento utilizados; e quais necessidades básicas não foram supridas na história de vida (CARDOSO; BERTHO E PAIM, 2019). Ainda, será necessário considerar atentamente as leis específicas sobre violência e ter conhecimento sobre os serviços especializados ao atendimento desses casos (BRASIL, 2006; CARDOSO; BERTHO; PAIM, 2019).

Young, Klosko e Weishaar (2008) destacam que o terapeuta deve assumir uma postura de Confrontação Empática e fazer uso da Reparentalização Limitada, tais recursos técnicos só serão possíveis por meio de uma boa e sólida relação terapêutica. Na Confrontação Empática, o terapeuta busca um equilíbrio entre validar e ser empático com o sofrimento e a queixa do seu cliente, simultaneamente explicita a necessidade de modificação nos comportamentos desadaptativos para que não haja perpetuação do sofrimento; e a Reparentalização Limitada é uma postura do profissional em procurar preencher as necessidades básicas não atendidas do paciente através da relação terapêutica (WAINER; RIJO, 2016).

O terapeuta do esquema trabalha a validação das necessidades emocionais, do mesmo modo que utiliza da confrontação empática para lidar com comportamentos destrutivos e mantenedores dos EIDs (PAIM; TORQUATO, 2019; BALDISSERA et. al., 2021). Através da ativação de estratégias de enfrentamento saudáveis nas mulheres em situação de violência conjugal, ela aprende a perceber e se proteger das vivências de abusos causados pelo outro (WAINER; RIJO, 2016).

A TE também irá ter enfoque quanto ao combate das vozes parentais internalizadas, ou seja, crenças internalizadas através experiências familiares e também sociais/culturais punitivas/abusivas, onde mulheres que tenham vivido em ambientes violentos passem por modificações das suas cognições através das técnicas cognitivas e experiências/emocionais. (YOUNG, KLOSKO e WEISHAAR, 2008; PAIM, CARDOSO e BERTHO, 2019). Farshid Manesh (2019) explica que a terapia esquemática combinam quatro técnicas: as cognitivas, experimentais, comportamentais e relacionais, as quais possuem efeito na mudança dos EIDs das mulheres com esgotamento na relação e aumentam a sua felicidade, assim como auxiliam na identificação de ciclos iterativos negativos nas relações amorosas e a ter mais controle nas relações interpessoais.

Um dos objetivos das intervenções cognitivo-comportamentais é que o paciente possa se tornar seu próprio terapeuta após o término da psicoterapia, o que é possível através do processo de psicoeducação que ocorre ao longo do tratamento, nos casos das mulheres é necessário para que elas não mais se coloquem nas mesmas situações abusivas e para que possam identificar a violência sofrida, afinal, a exposição constante ao fenômeno leva a naturalização da experiência (HABIGZANG; PETERSEN, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar os achados teóricos acerca da efetividade da Terapia do Esquema (TE) como possível intervenção e tratamento de mulheres em situação de violência conjugal, assim como compreender quais são os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) predominantes nessas mulheres e esclarecer qual a dinâmica dos relacionamentos disfuncionais a partir dos conceitos da TE.

De acordo com a literatura estudada é possível observar que as mulheres em situação de violência conjugal costumam ter esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) ativados, os quais corroboram para a sua permanência nessas relações e sua ativação se dá através da química esquemática entre o casal, fazendo com que a dinâmica conjugal se torne disfuncional e que a mulher entre em um ciclo abusivo sem nem mesmo distinguir o sofrimento que lhe é causado ou então ter a crença de que o merece.

As pesquisas apontam que os EIDs mais prevalentes entre as mulheres são os de desconfiança/abuso e defectividade/vergonha, pertencentes ao primeiro domínio de Desconexão/Rejeição, onde a necessidade básica não atendida foi o estabelecimento de um vínculo seguro com as figuras importantes na infância, caracterizado por vivências primitivas de abusos, frieza, rejeição e/ou isolamento social. O Processo Esquemático (PE) que pareceu mais evidente como utilizado pelas mulheres que estiveram ou estão em uma relação abusiva foi o de resignação, ou seja, refere-se a comportamentos que colaboram para a manutenção do esquema.

A Terapia do Esquema (TE) apareceu como uma estratégia eficaz ao tratamento das mulheres em situação de violência conjugal, não apenas pelas suas técnicas, mas também pelo seu foco afetivo, psicoeducativo e resolutivo, auxiliando para um bom prognóstico; ainda,

destaca-se a possibilidade de ser uma abordagem rápida, o que se torna econômico ao ponto de vista da saúde pública e privada (BALDISSERA et. al., 2021).

Percebe-se que os estudos sobre os EIDs das mulheres em situação de violência conjugal é recente, mas tem fomentado interesse de autores brasileiros, assim como o entendimento da dinâmica conjugal pela TE através da química esquemática e os processos esquemáticos individuais que colaboram na ativação dos EIDs frente os conflitos conjugais. Acerca da terapia do esquema como estratégia de intervenção para mulheres que foram ou são violentadas nos relacionamentos, ainda faltam mais pesquisas acerca do tema, portanto seria interessante desenvolver estudos de casos a partir de uma elaboração de um processo terapêutico de esquemas específico a essa parte da população.

A violência contra a mulher é um problema grave de saúde pública e que merece destaque nas suas políticas, principalmente na atual realidade que o período pandêmico de isolamento trouxe ao mundo: o aumento exorbitante das violências praticadas pelo parceiro íntimo no âmbito privado das suas residências. Os elementos que parecem ter intensificado a violência conjugal durante a Covid-19 se relacionam aos aspectos socioeconômicos (redução dos salários, desemprego, dependência econômica feminina e o aumento do uso/abuso de substâncias pelos companheiros/cônjuge), assim como ao enfraquecimento do suporte institucional e social às mulheres (SILVA et. al., 2020).

REFERÊNCIAS

- [1] BALDISSERA, Daniela; PAIM, Kelly; PREDEBON, Betina Munero; FEIX, Leandro da Fonte. Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa. **Rev. PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 51-67, jan. 2021. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/15386>>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- [2] BARBOSA, Thamires Pereira et al. Domínios Esquemáticos Apresentados por Mulheres em Situação de Violência Conjugal. **Rev. Psicol. IMED**, Passo Fundo, v. 11, n. 2, p. 51-68, dez. 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v11n2/05.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- [3] BRASIL. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa: violência contra as mulheres**. 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- [4] BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do par. 8º do art. 226 da constituição federal, da convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres e da convenção interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher; dispõe sobre a criação dos juizados de violência doméstica e familiar contra a mulher; altera o código de processo penal, o código penal e a lei de execução penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>. Acesso em 11 abr. 2021.
- [5] CARDOSO, Bruno Luiz Avelino; BERTHO, Maria Alice C.; PAIM, Kelly. Até que a morte nos separe: a contribuição da cultura para a manutenção de esquemas iniciais desadaptativos em relacionamentos abusivos. In: PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino (Orgs.). **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2019. P. 31-44.
- [6] CARNEIRO, Jordana Brock et al. Compreendendo a violência conjugal: um estudo em Grounded Theory. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 27, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlae/v27/pt_0104-1169-rlae-27-e3185.pdf>. Acesso em: 5 maio 2021.
- [7] CERQUEIRA, Daniel (coord.) et. al. Atlas da Violência. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA**, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- [8] COSTA, Crístoper Batista da; DELATORRE, Marina Zanella; WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse Pereira. Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática. **Rev. Psico. Cien. Prof.**, v. 37, n. 1, p. 208-223, Jan./Mar. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/fCjtdgfd5zR9bqXpQTs9fqm/?lang=pt>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

- [9] CURIA, Beatriz Gross et. al. Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra a Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicol. Ciên. e Prof.*, v. 40, p. 1-19, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/V8jcXqbrLxts8r5jqzQ8LPv/?lang=pt>>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- [10] DINIZ, Gláucia R. S. Trajetórias conjugais e a construção das violências. *Psicol. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 31-41, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v29n1/a04.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- [11] FARSHIDMANESH, Forough et. al. Comparison of the effectiveness of the schema therapy training and mindfulness on intimacy, commitment, and happiness of women with couple burnout. *Int. Arch. Health Sci.*, v. 6, n. 4, p. 136-142, 2021. Disponível em: <<https://www.iahs.kaums.ac.ir/article.asp?issn=2383-2568;year=2019;volume=6;issue=4;spage=136;epage=142;aualast=Farshidmanesh>>. Acesso em: 20 out. 2021.
- [12] FRAZÃO, Maria Cristina Lins Oliveira et. al. Violência praticada por parceiros íntimos a mulheres com depressão. *Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte, v. 24, p. 1-7, Fev. 2020. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622020000100247>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- [13] GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Rev. Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 256-266, Ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-71822015000200256&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- [14] HABIGZANG, Luisa Fernanda; PETERSEN, Mariana Gomes Ferreira; MACIEL, Luisa Zamagna. Terapia Cognitivo-Comportamental para mulheres que sofreram violência por seus parceiros íntimos: Estudos de casos múltiplos. *Cienc. Psicol.*, Montevideo, v. 13, n. 2, p. 249-264, 2019. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212019000200249&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- [15] HERRENKOHL, Todd; JUNG, Hyunzee. Effects of child abuse, adolescent violence, peer approval and pro-violence attitudes on intimate partner violence in adulthood. *Crim. Behav. Ment. Health*, Washington, v. 26, n. 4, p. 304-314, Out. 2016. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27709742/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- [16] HERRERO, Juan; TORRES, Andrea; RODRÍGUEZ, Francisco J. Child abuse, risk in male partner selection, and intimate partner violence victimization of women of the European Union. *Prevention Science*, v. 19, n. 8, p. 1102-1112, Nov. 2018. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29869733/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- [17] HIRIGOYEN, Marie-France. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- [18] KHOSRAVI, Zohreh; ATTARI, Azadeh; REZAEI, Somaye. Intimate partner violence in relation to early maladaptive schemas in a group of outpatient Iranian women. *Procedia - Soc. Beh. Scien.*, v. 30, p. 1374-1377, 2011. Disponível em:

<<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S187704281102091X>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

- [19] LOURENÇO, Lélío Moura; COSTA, Dayane Pereira. Violência entre parceiros íntimos e as implicações para a saúde da mulher. **Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n.1, p. 1-18, jan. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000100010>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- [20] MARTINS, Grasiela B.; NOBRE, Natalia K. S.; MARTINS, Marias das Graças T. A Violência Doméstica Contra Mulheres: Contribuição Da Terapia Cognitivo-Comportamental Na Intervenção. **ID onl. Rev. Psicol.**, Macapá, v. 15, n. 54, 2021. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2951>>. Acesso em: 13 nov. 2021.
- [21] MOMENË, Janire et. al. Estilos de afrontamiento, esquemas disfuncionales y síntomas psicopatológicos relacionados con la dependencia emocional hacia la pareja agresora. **Psicol. Conduct.**, Madrid, v. 29, n. 1, p. 29-50, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ibc-202205>>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- [22] NASCIMENTO, Elaide dos Santos; SOUZA, Kellen Verena de. Relações Abusivas: Um olhar cognitivo-comportamental. **Rep. Inst. Kroton**, Itabuna, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.pgsskroton.com/handle/123456789/21296>>. Acesso em: 5 maio 2021.
- [23] OLIVEIRA, Aline Martins de; BERGAMINI, Gésica Borges. Esquemas Desadaptativos de Mulheres em Relacionamentos Abusivos: Uma Discussão Teórica. **Rev. Cient. Fac. de Educ. e Meio-Amb. FAEMA**, Rondônia, v. 9, n. 2, p. 796-802, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/637>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- [24] PAIM, Kelly; MADALENA, Marcela; FALCKE, Denise. Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 31-39, jun. 2012. Disponível em : <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v8n1/v8n1a05.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2021.
- [25] PAIM, Kelly; FALCKE, Denise. **Experiências na família de origem, esquemas iniciais desadaptativos e violência conjugal**. 2014. 74 f. Dissertação (Mestrado) - PPG Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3295>> Acesso em: 16 abr.. 2021.
- [26] PAIM, Kelly. A química esquemática e as escolhas amorosas. In: PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino (Orgs.). **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2019. P. 31-44.
- [27] PAIM, Kelly; TORQUATO, Kamilla I. Estratégias e técnicas para mudança em terapia do esquema. In: PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino (Orgs.). **Terapia do esquema para casais: base teórica e intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2019. P. 101-119.
- [28] SILVA et. al. Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. **Cien. saúde col.**, v. 25, n. 9, p. 3475-3480, set. 2020. Disponível em:

<<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n9/3475-3480/pt/>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

- [29] YOUNG, Jeffrey E. **Terapia Cognitiva para Transtornos da Personalidade**: uma abordagem focada no esquema. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- [30] YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-Comportamentais Inovadoras**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- [31] WAINER, Ricardo; RIJO, Daniel. O Modelo Teórico: EIDs, Estilos de Enfrentamento e Modos Esquemáticos. In: WAINER, Ricardo et. al. (Orgs.). **Terapia Cognitiva Focada em Esquemas: Integração em Psicoterapia**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. P. 15-26.